

O ESPORTE PODE SER UM LUGAR DE CUIDADO? A PRÁTICA DO *POLE DANCE* COMO UMA TERAPIA

Annelise Campos Gonçalves¹

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo questionar se o esporte pode ser entendido como um lugar de cuidado. A partir de uma etnografia sobre a prática do pole dance, apresento as trajetórias de algumas praticantes que situam o pole dance como uma atividade terapêutica e um lugar de empoderamento. Minha intenção é entender quais são os processos, discursos e práticas que permitem que a atividade possa ser construída e elaborada subjetivamente desta maneira por suas praticantes. À luz da teoria de Loic Wacquant (2002), busco entender e analisar como uma atividade física pode ser também constitutiva de uma moralidade, me aprofundando em uma visão teórica que não separa mente de corpo, e sim atenta-se para a forma como estes são produzidos e entendidos em relação. Com esta elucidação procuro mostrar o caráter multifacetado do esporte, evitando se prender a uma ideia fechada do que pode ser considerado esportivo.

Palavras-chave: Pole Dance; Corpo; Empoderamento.

Can sport be considered a place of caring? Pole dance practice as therapy

Abstract: This article has as its main goal to question whether the sport can be comprehended as a place of caring. Having an ethnography about pole dance practice as a starting point I present some practitioners' trajectories which place pole dance as a therapeutic activity as well as an empowering space. I intend to understand which processes, speeches and practices that allow the activity to be constructed and elaborated subjectively in that manner by its practitioners. In the light of Loic Wacquant's theory (2002) I aim to understand and analyze how a physical activity may also constitute morality, delving into a theoretical vision that doesn't separate mind from body but is attentive to the way those constitutions are produced and understood in relation. With this clarification I try to show the multifaceted character of the sport, thus avoiding getting caught up in a closed idea of what can be considered sport.

Keywords: Pole Dance; Body; Empowerment.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do NUSEX - Núcleo de Estudos em Corpos, Gêneros e Sexualidades. E-mail: annelisecg@gmail.com

Na pesquisa desenvolvida para a minha dissertação de mestrado (GONÇALVES, 2019), trabalhei principalmente com as temáticas de corpo e gênero, fazendo uma discussão sobre empoderamento e feminilidades na prática do *pole dance*. Posteriormente, ao me debruçar sobre uma literatura antropológica e sociológica sobre a temática dos esportes, pude perceber como pouco do que eu lia era aplicável ao meu campo. Um, porque o *pole dance* enquanto atividade, em muito se distancia de outros esportes que são mais popularmente discutidos entre os pesquisadores que se dedicam à antropologia dos esportes. Dois, porque uma grande parte da literatura clássica das ciências sociais produzida a respeito da temática esportiva, tem sido extremamente crítica aos esportes. Autores como Adorno e Horkheimer (1988), e Vaz (2008) demonstraram como os esportes estão muitas vezes aliados a ideais capitalistas e a uma lógica militar. Este artigo não tem a intenção de elaborar uma defesa a essa crítica, pelo contrário, a considero bastante pertinente em vários aspectos. Entretanto, se faz necessário atentar para o caráter múltiplo do esporte, para não cair em uma armadilha de pensar o esporte como algo fechado em si mesmo.

Apresento uma parte da minha pesquisa para demonstrar como o *Pole Dance* pode ser entendido como um lugar de cuidado e até mesmo uma prática terapêutica. Minha intenção é colocar que, se em um aspecto macro, voltado principalmente para as transformações que a prática do *pole dance* tem sofrido para se adequar a uma prática esportiva, a crítica sobre o esporte como algo elitista e que serve a certos fins normativos é pertinente, em certos aspectos da prática cotidiana, a atividade pode ser entendida de outra maneira. Decidi, portanto, não me dedicar neste momento a uma discussão sobre esporte a partir de uma visão institucional e burocrática, e sim, focar em uma prática cotidiana da atividade, onde certas fronteiras são borradas e onde outros entendimentos da prática são permitidos.

Para fazer tal discussão, retomarei parte da pesquisa etnográfica que realizei junto a praticantes e instrutoras da atividade na região metropolitana do Rio de Janeiro e alguns dos temas discutidos na minha dissertação. Para situar o leitor, é importante também fazer algumas considerações sobre o *pole*

dance. Divido este artigo da seguinte maneira: começo com uma breve contextualização da prática, apresentando alguns dados sobre sua difusão e o atual contexto da atividade. Em seguida, apresento dados etnográficos e a perspectiva de algumas interlocutoras com quem pude trabalhar. Minha intenção é compreender como a atividade se constituiu como “algo que empodera as mulheres.” Trago alguns exemplos, que pensados juntamente à Wacquant, deixam claro como a construção de um empoderamento na prática é possível, uma vez que a atividade física é também uma disciplina moral. Reitero que minha intenção aqui é mostrar como o esporte pode ser encarado por seus praticantes de diversas formas. Particularmente, desenvolvo a ideia do *pole dance* construído como um lugar de cuidado, como uma espécie de terapia que empodera suas praticantes.

Sobre o pole dance

O *pole dance* é uma atividade que consiste na realização de acrobacias por parte de um performer em uma barra vertical de aço. Anteriormente desenvolvida por acrobatas circenses, *strippers* e profissionais da dança, a atividade passou a ocupar academias e *studios* de dança, onde foi encarado como um exercício que pode ser praticado por qualquer pessoa. Embora a prática encontre um número considerável de adeptos que se identificam com o gênero masculino, a grande maioria das praticantes é composta por mulheres².

O *pole dance* se realiza em uma barra de aço vertical que normalmente varia entre 2m e 4m de altura, tendendo a ser maior em lugares especificamente preparados para apresentações e menor em *studios* e locais de treino. A hipótese mais difundida³ sobre a origem do *pole dance*, defende

² Nos *studios* onde fiz minha pesquisa para o mestrado, eu não tive muito contato com homens. Por isso, o que apresento aqui é a partir de uma perspectiva das mulheres com quem pude trabalhar.

³ É importante pontuar que não há uma fonte histórica ou uma versão definitiva de qual seria a história do *pole dance*. As narrativas em torno do que seria sua verdadeira origem normalmente estão associadas a posicionamentos específicos das praticantes. Pessoas mais ligadas ao *pole dance* esportivo costumam destacar a possível relação com o Mallakhamb e o Mastro Chinês, já as pessoas mais ligadas ao *pole dance* sensual costumam ressaltar a relação com o *striptease*.

⁴ Fontes: <http://artecult.com/pole-dance-com-karen-cruz/>,
<https://www.polestudiotatianamendes.com.br/aulas>,
<http://poledancemania.blogspot.com/2015/01/historia-do-pole-dance-e-suas-vertentes.html>

que a atividade surgiu a partir do Mastro Chinês e do Mallakhamb. Mastro Chinês é uma modalidade em que acrobatas circenses realizam movimentos em barras de borracha que podem variar de 3m a 9m. Esta modalidade pode ser vista em apresentações do Cirque de Soleil. O Mallakhamb⁵ é uma atividade física tradicional indiana de mais de 800 anos, na qual os atletas usam um poste de madeira que tem a base com um diâmetro maior e vai afinando até o topo. O objetivo principal é desenvolver resistência, coordenação, concentração e reflexo.

O *pole dance* que se assemelha ao que se conhece hoje surgiu na década de 20 no período da Grande Depressão Americana, com o *Tour Fair Show*, uma turnê voltada para o entretenimento de soldados em campo⁶. Dançarinas sensuais chamadas *hoochie coochie* passaram a se apresentar próximo às barras das tendas circenses, interagindo com elas e utilizando-as como elemento de sua dança. Em seguida, a dança passa a ser incorporada em shows burlescos e, posteriormente, em boates, como dança sensual relacionada ao *striptease*.

A forma como a atividade é praticada atualmente, a qual se consolidou com o nome de *pole dance*, sofre influência de todas essas práticas, incorporando também elementos de outras acrobacias aéreas circenses e movimentos de *ballet* e dança contemporânea.

A difusão do *pole dance* como prática urbana teria se dado no Canadá em 1994, quando Dietrich Fawnia ofereceu a primeira aula da atividade para pessoas não envolvidas no mundo do entretenimento. A modalidade teria se espalhado pelos EUA, Austrália, Europa e Ásia, onde se abriram escolas de *pole dance* e realizaram competições para todas as variantes desse esporte. No Brasil, o *pole dance* teria surgido há aproximadamente quinze anos, o que é um tempo recente se comparado a outros países, onde a modalidade se estabeleceu e é mais reconhecida, como a Rússia⁷.

⁵Fonte: <https://www.freepressjournal.in/featured-blog/mallakhamb-amazing-facts-about-the-age-old-sport/1083234>

⁶ Esta informação se encontra disponível nos sites citados acima.

⁷ Todos os dados citados neste tópico estão disponíveis nas fontes citadas acima

É importante destacar que atualmente o *pole dance* é encarado como uma atividade física e/ou esporte que não está necessariamente relacionado à sensualidade. Em algumas vertentes, a prática se associa a um esporte olímpico tal qual a ginástica olímpica. É objetivo de uma parcela significativa de praticantes que a atividade seja legitimada como um esporte e possa efetivamente integrar as Olimpíadas. Com o intuito de garantir sua legitimação, foram criadas federações do esporte no Brasil. Atualmente a prática se divide em três vertentes. O *pole art* se dedica à exploração do lado artístico da performance, muitas vezes tendo alguma história ou conceito expresso na coreografia e incorpora elementos de jazz, ballet clássico e contemporâneo. No *pole fitness* ou *sport*, busca-se desenvolver o aspecto acrobático da modalidade, em que vale mais a performance em termos técnicos do que artísticos. Nos campeonatos desta vertente, o figurino, a maquiagem, a presença de palco e a adequação da performance à música conta menos que a pontuação em relação às acrobacias. O *pole sensual* ou *exotic pole* explora a sensualidade e costuma exigir o uso de salto em suas apresentações, também contendo elementos de *floorwork* – como são chamadas as acrobacias de chão.

É importante ressaltar que, por ser associada ao erotismo e por ser o erótico historicamente malvisto na sociedade ocidental – em especial no que concerne à sexualidade das mulheres, altamente regulada e controlada pelo Estado e pelas normas morais⁸ – a atividade ainda é muito condenada e

⁸ A historiadora Lynn Hunt (1993) analisou o quanto a invenção do erotismo e da pornografia esteve associado ao nascimento da imprensa e às possibilidades de reprodução gráfica barata e clandestina desses materiais. Partindo deste fato, a antropóloga brasileira Maria Filomena Gregori tem optado por, em seu trabalho, não realizar uma diferenciação conceitual entre erotismo/pornografia – que geralmente é feita a partir de construções moralizantes –, mas partir da ideia “aceita e difundida entre os experts dedicados à caracterização desses materiais: expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais. Essa noção da pornografia como transgressão a convenções morais sancionadas está presente em obras de autores, como Pietro Aretino, desde o século XVI e condensa, segundo os historiadores do tema, o sentido moderno desse tipo de representação. Ainda é limitado o exame dos efeitos dessa tradição no que concerne à problemática de gênero. [...] Essa singular representação que associa prazer a violar o ‘instituído’ socialmente é, na minha hipótese geral, vigorosa ainda hoje e ilustra os casos tão diversificados de escolha e identidade sexual. Mas, fica uma questão: trata-se de saber por que, nessa dissolução, cabe ao corpo ‘feminizado’ o lugar da violação. Tal corpo pode ser o da mulher, mas também pode ser o do homem, desde que submetido a uma re-simbolização que o dote com sentido feminino” (2003, p. 236). Desse modo, a autora introduz a discussão sobre as conhecidas Sex wars dos anos 70 e 80 entre as feministas dos Estados Unidos em torno da pornografia, da prostituição, do corpo da mulher e dos prazeres femininos, discussão que ficou condensada na coletânea *Pleasure and Danger*

estigmatizada. As federações e *pole dancers* em geral são engajadas em difundir conhecimento sobre a atividade com o objetivo de erradicar preconceitos. Considero a fase atual do *pole dance* como um período de crescimento e expansão. A partir de uma investigação em fontes sobre o tema e dos dados obtidos em campo, percebo como a atividade tem passado por grandes mudanças e cada vez mais surgem novos *studios*, métodos e estilos (GONÇALVES, 2019). Embora essas sejam as três principais categorias, elas se subdividem em outras, tais como *pole drama*, *pole art*, *pole show* e *pole classique*. É importante pontuar que o *pole dance* também é visto como dança. Embora uma parcela das praticantes encare a atividade como esporte, outras fazem questão de se dissociar dessa visão, ressaltando o aspecto artístico da prática e valorizando também o aspecto sensual. Outras pessoas ainda consideram a atividade como dança e ao mesmo tempo como esporte.⁹ Especificamente neste artigo, trabalho com a visão de algumas interlocutoras que embora mais ligadas ao aspecto artístico e/ou sensual da prática, também compartilham da visão do *pole dance* como dança e esporte.

Empoderamento, terapia e cuidado: o *pole dance* no dia-a-dia

Durante minha pesquisa de mestrado, investiguei a trajetória de instrutoras de *pole dance* que trabalhavam na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao escutar suas histórias de vida, pude perceber que a maioria delas compartilhava de algum momento de crise ou dificuldade quando chegaram à prática. Débora¹⁰ atravessava uma crise profissional. Sentia-se infeliz com seu

de Carol Vance (1984), que tem se reatualizado em outros contextos de disputa feminista (ver artigo de Nancy Prada (2012) sobre o embate feminista no contexto espanhol em torno dos prazeres femininos, erotismo/prostituição); no Brasil no atual embate entre as feministas conhecidas como Radfems e as Transfeministas e Putafeministas; ou para além do embate entre os próprios feminismos, se atualiza nos controles múltiplos ao corpo e sexualidade feminina, desde as discussões sobre a iniciação sexual às relativas ao acesso ao aborto, passando pela exposição nas mídias de casos de fotografias de nudez (que hoje chamam “pornografia de vingança”), etc., e que acometem a própria visão sobre a prática de *pole dance*.

⁹ A discussão em torno da esportivização ou não do *pole dance* é ampla e altamente interessante sobre uma perspectiva política e antropológica. Me aprofundo mais sobre este aspecto no capítulo 3 da minha dissertação, e na minha atual pesquisa de doutorado. O trabalho de Leal (2013,2016) também é uma importante referência, trazendo dados relevantes sobre o tema. Contudo, para não perder o foco da discussão deste artigo, não irei me aprofundar mais neste assunto no momento.

¹⁰ Todos os nomes apresentados neste artigo são nomes fictícios para preservar a identidade das minhas interlocutoras.

trabalho pois sentia que não fazia a diferença na vida de ninguém. Estava cansada da rotina repetitiva e monótona, e por isso, procurou o *pole dance* como atividade física. Na época nem sonhava em trabalhar como instrutora, algo que começou como uma renda extra. Foi então quando Débora teve uma aluna com depressão, que passado um certo período de aula, procurou a instrutora para agradecer por ela ter sido uma pessoa que a ajudou a atravessar esse momento de dificuldade na sua vida. Débora se sentiu tocada porque, apesar de não saber que sua aluna sofria com depressão, ela pôde perceber através do agradecimento da aluna como ela fazia a diferença na vida das pessoas em sua atuação como instrutora.

Semelhante a Débora, Thalia não se encontrava feliz em sua vida profissional como professora de inglês, já havia tentando trabalhar com o marido, o que também não a satisfazia. Se sentia infeliz e procurava algo que a fizesse sentir plena. Foi assim que encontrou o *pole dance*, e foi também através da atividade que se sentiu transformada e empoderada. Atualmente, Thalia dedica grande parte do seu trabalho a desenvolver e ensinar o *pole dance* como atividade física e como dança sensual. Desta maneira, ela busca trabalhar a confiança e autoestima de suas alunas, categorias que são constantemente acionadas no discurso das praticantes. Thalia considera que seu trabalho a permite trabalhar com suas alunas um *pole dance* como uma terapia, lugar onde elas podem se sentir seguras e se soltar. Através do diálogo com suas alunas e do ensino da atividade, Thalia busca desconstruir certos aprendizados que envolvem dogmas, preconceitos, e opressões às vivências femininas. Outra trajetória que pude trabalhar é a de Renata, também instrutora de *pole dance* e dona de seu próprio *studio*, ela começou a atividade após ter sofrido uma traição em seu relacionamento. Renata destaca este momento de crise como uma fase de sua vida em que ela percebeu que precisava olhar para si e se cuidar. É assim que o *pole dance* surge para essas pessoas como um lugar de cuidado. Destaca-se também a importância de se estar em um espaço majoritariamente feminino, onde as mulheres desenvolvem uma relação de grupo e apoio.

Tendo em vista estas narrativas, passei a me perguntar de que maneira isso que minhas interlocutoras chamam de *empoderamento* é construído na prática. O *pole dance* exige - e ao mesmo tempo desenvolve - uma série de habilidades para a realização da maioria de seus movimentos. Os movimentos¹¹ realizados na barra podem ser categorizados como movimentos de força, flexibilidade ou isometria. Trabalhei anteriormente¹² (GONÇALVES, 2016 e 2019) com a construção do corpo no *pole dance*, destrinchando mecanismos usados no aprendizado corporal da prática. O *pole dance* tem uma técnica específica de construção do corpo e para que se possa discutir os múltiplos desdobramentos da prática é preciso entender os processos de transformação que um corpo passa ao começar a praticar a atividade e, por consequência, as transformações pessoais das praticantes que vivenciam o processo. Desta maneira, busco partir de um posicionamento teórico que não considera mente e corpo como separados, e sim atenta-se para como estes são construídos e pensados em relação. O trabalho de Loic Wacquant (2002) é fundamental para esta discussão. Ao etnografar o universo do boxe em Chicago em sua obra “Corpo e Alma”, o autor observa como o árduo treinamento dos boxeadores está ligado não apenas à intenção de adquirir uma série de disposições corporais, mas diz respeito também a uma certa educação do espírito para o controle das emoções. Para Wacquant, corpo e mente não estariam separados, e os sacrifícios vividos pelos boxeadores estariam para além do treino em si, em uma série de regras que garantem a disciplina moral, espiritual e corporal que formam o boxeador. Acrescentando os argumentos de Wacquant à discussão sobre a relação entre prazer e disciplina nas práticas esportivas/de dança/lazer, acredito que seja plausível

¹¹ “Movimento” e/ou “Figuras” são nomes dados às posições e acrobacias feitas na barra. Figuras normalmente se referem a posições estáticas, em que a *pole dancer* entra no movimento e forma a figura com o corpo, segurando a posição por alguns segundos. Exemplos de outras possibilidades de movimentação na barra são giros, combos, quedas e transições. Giros são movimentos onde a *pole dancer* em variadas posições gira o corpo ao redor da barra. Combos são vários movimentos diferentes realizados em sequência. Transições são passagens específicas de um movimento para outro. Quedas são movimentos em que se solta uma trava - mecanismo corporal que a *pole dancer* usa para se prender na barra - e deixa o corpo cair ou deslizar na barra, até um momento que se trava novamente.

¹² Aqui me refiro ao meu trabalho de conclusão de curso na Graduação em Antropologia na Universidade Federal Fluminense, intitulado “Viva o matriarcado pole dance – Uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do *pole dance*”.

argumentar que o prazer sentido na prática não é alheio à disciplina. Ao contrário, ele só é possível mediante a sensação de superação de obstáculos que surge quando a disciplina da técnica é aplicada.

Em seguida, vem o prazer de sentir o corpo desabrochar, adelgaçar-se, “fazer-se” pouco a pouco pela disciplina que lhe é imposta. Além do sentimento de cansaço e de plenitude corporal amiúde vivaz que ele proporciona, o treino é, nele mesmo, sua própria recompensa, quando o lutador consegue dominar um gesto difícil, que oferece a sensação nova de ter redobrado sua potência, ou quando obtém uma vitória sobre si mesmo (como sobrepujar a angústia do treino com um parceiro sparring férreo). Enfim, os pugilistas saboreiam o fato “de pertencer a uma pequena confraria” à parte, reputada por sua bravura física e por sua rudeza; apreciam saber que eles “são diferentes das outras pessoas. Eles são lutadores” (WACQUANT, 2002, p. 88).

A incorporação da técnica, a administração da dor e todo o aprendizado corporal que por vezes leva à exaustão fazem com que essas mulheres se tornem *pole dancers*, o que ao mesmo tempo significa tornar-se uma mulher forte, empoderada ou, como é colocado por Pâmela, outra interlocutora com quem pode trabalhar, uma *guerreira*. A superação da dor e dos obstáculos que dificultam a entrada em um movimento – falta de força ou flexibilidade, dificuldade técnica, pouca resistência – causam uma enorme sensação de alegria e satisfação e, portanto, é comum que quando se alcance determinado movimento se comemore. Como sugere Elias (1992), uma análise das atividades de lazer não pode estar separada de uma análise das emoções.

Os momentos de superação e realização de movimentos são comemorados com alegria e por vezes se trocam abraços e elogios. Uma das formas de comemorar é tirar fotos e há também uma comemoração coletiva quando alguma aluna consegue alcançar um movimento de grande dificuldade que veio treinando por algum tempo. A satisfação de fazer algo que não conseguia antes é muito importante na prática e revela o bem-estar e a realização das alunas através do *pole dance*. Em outras palavras, superação e autoestima andam juntos. Neste aspecto, Thalia destaca que “se ver” é fundamental. Por isso, as fotos tiradas da atividade e os próprios espelhos presentes em muitos *studios*, fazem parte desse processo. É importante que a aluna passe a “se ver”, “se enxergar”, e se aceitar. São processos de valorização

peçoal, que fazem bastante sentido, uma vez que a principal queixa das mulheres que buscam a prática é a baixa autoestima.

Para construir o argumento deste artigo, faço uso também da minha experiência no campo como instrutora. Fui convidada em 2016 por Felícia, dona do *studio* onde eu treinava e fazia meu trabalho de campo, para passar pelo treinamento de instrutoras e me juntar a equipe do *studio*. Convite este que aceitei com imenso prazer e que, se em um nível pessoal me foi profundamente satisfatório, também se mostrou altamente rentável para minha pesquisa.

Um dos primeiros ensinamentos do treinamento é que o trabalho de uma instrutora é conhecer sua aluna e em consequência seu corpo, para saber quais são suas dificuldades e suas potencialidades, para poder trabalhá-las da melhor forma possível. Quando uma aluna chega, é importante questioná-la sobre quais atividades ela já praticou, sobre seu interesse no *pole*, sobre o que ela busca. Nas palavras de Felícia, “é preciso saber o que ela já praticou para entender a história daquele corpo”. Entende-se que ficam impressas no corpo as marcas e os registros de cada experiência vivida. A relação com a instrutora é muito forte e exerce grande influência no desenvolvimento das alunas. A aluna confia na instrutora para ajudá-la a moldar seu próprio corpo e, em troca, é trabalho da instrutora fazer com que a aluna entenda os movimentos e seja capaz de realizá-los. A prática do *pole dance* é encarada como uma atividade de autoconhecimento pois, no decorrer da prática a aluna passa a se conhecer melhor e se relacionar com o próprio corpo. Noção de autoconhecimento que borra a distinção entre corpo e mente. Entretanto, esse não é um caminho que é percorrido sozinho. Muitas das alunas iniciantes, principalmente aquelas que nunca praticaram alguma atividade física, às vezes se surpreendem com a própria flexibilidade ou força, com o que são capazes de fazer. Algumas chegam com medo de tirar o pé do chão, de ficar de cabeça para baixo ou de soltar as mãos da barra e é a instrutora que vai fazer com que ela perca seu medo. Para que isso ocorra ela precisa confiar que conseguirá fazer o que é pedido e, como em um primeiro momento ela pode se sentir insegura, a instrutora vai segurá-la e ajudá-la. O termo “esporte” tem

a ver com sustentar. A instrutora “espota”¹³ a aluna para que ela ganhe a força necessária e se acostume a entrar no movimento, sendo lógico que a instrutora não sustente todo o seu peso e sim uma parcela e, aos poucos, conforme sua segurança aumente, ela vai soltando até que consiga fazer sozinha.

O que não se sabe, ou não se percebe, é que às vezes a instrutora não está fazendo força nenhuma, porém a relação de confiança que é criada é tão grande que só a presença dela ali faz com que a aluna se sinta segura. Em outros casos a instrutora faz sim alguma força, mas só até que a aluna se torne forte o suficiente para fazer por si mesma. O espote é, em suma, um apoio, e é esse apoio que faz com que a aluna arrisque, tente e, aos poucos, passe a confiar em si para executar o movimento sozinha. Um outro caso é quando a instrutora não sustenta, mas toca em alguma parte do corpo da aluna para que ela entenda que músculo ela precisa acionar para realizar o movimento. Felícia ensinou durante o treinamento que quando se toca alguma parte, a aluna automaticamente entende onde precisa contrair e, com outro tipo de toque, onde precisa relaxar. A partir do toque do outro, a pessoa desenvolve e aprimora sua propriocepção¹⁴, o que passa por uma comunicação não verbal, sendo uma experiência sensorial que diz respeito a sabedoria do corpo e a técnicas de aprendizado. É recomendado que o espote não sustente mais do que 25% do peso da aluna. Essa recomendação se baseia em dois princípios básicos: o primeiro é que sustentar mais peso do que isso pode ser prejudicial para a instrutora, vide a quantidade de vezes que ela precisa fazê-lo nas aulas que dá. Segundo, se a instrutora precisa sustentar uma quantidade bem maior do peso que a recomendada significa que a aluna ainda está distante de conseguir fazer o movimento sozinha e, por isso, o esforço será inútil, uma vez que a aluna ainda não tem a força para aprender naquele momento. Na prática, muitas vezes as instrutoras não seguem essa recomendação e acabam

¹³ Embora o termo não seja um verbo no uso cotidiano ele passa a ser utilizado como uma ação, por isso é comum ouvir apropriação da palavra como “espotar” ou “espota” que quer dizer o ato de fazer o espote. Espote, no sentido original, designa o lugar da lâmpada ou o suporte para um tipo de iluminação.

¹⁴ Propriocepção é o termo utilizado para nomear a capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais

segurando uma quantidade maior de peso até que a aluna consiga aprender. Entretanto, caso a instrutora perceba que está segurando a maior parte ou o total do peso da aluna, não apenas conduzindo, mas efetivamente carregando-a, ela desistirá de passar o movimento até que esta tenha a força necessária para conseguir fazer com pouca ou nenhuma ajuda. Pontuo que embora muito do que é considerado empoderamento no *pole dance* se deva aos laços, às relações e aos discursos das praticantes, ele não acontece separado de uma prática e aprendizados que são incorporados.

Na elaboração das trajetórias analisadas que aqui brevemente resumi, trabalhei com uma ideia de adoecimento advinda de situações cotidianas de mulheres que buscaram – e encontraram – uma saída, uma solução, uma “cura” na prática do *pole dance*. Havia presente a ideia de que trabalhar com *pole dance* é algo que “muda a vida das pessoas”, e que elas trabalham com uma terapia. A minha intenção é tentar perceber e entender, a partir das práticas cotidianas e da convivência no espaço de um *studio*, como o *pole dance* pode ajudar a resolver estas questões. A ideia que quero examinar é a de que o *studio* pode se transformar em um lugar de cuidado, visto que é a este espaço que as praticantes recorrem em momentos de estresse e crise. Busco reconhecer a perspectiva compartilhada pelas minhas interlocutoras de que o *pole dance* é empoderador e transformador para que possamos entender a partir de que mecanismos, práticas, relações e discursos essas duas ações se tornam possíveis. Em suma, pergunto-me: se há de fato uma transformação e melhoria sentidas pelas praticantes em suas vidas, como ela ocorre?

Como apontei, a sensação de superação faz parte dessa transformação que é sentida. Se ver capaz de fazer algo que não se conseguia é parte dessa característica terapêutica do *pole dance*, que não se separa da noção de empoderamento. Em outras palavras, muitos dos motivos pelos quais as *pole dancers* se sentem transformadas são os mesmos que as fazem sentir empoderadas, o que mostra que essas duas ideias não só andam juntas, como talvez o empoderamento seja a cura, o resultado, a transformação que é almejada com a prática. Para isso, é preciso ter em mente a noção de empoderamento tal como é construída na prática, extremamente ligada a

autonomia e autoestima. Entretanto, antes de chegar a conclusões, acrescento alguns exemplos etnográficos e retomo outros que foram levantados anteriormente.

Quando começou a praticar o *pole dance*, Pérola vivia um relacionamento heterossexual em que sofria abusos emocionais, insultos e traições. O seu namorado era totalmente contra sua prática, o que teria sido, inclusive, um dos motivos das brigas entre o casal. Em um episódio, Pérola decide postar uma foto sua no *pole dance* e o namorado tem um ataque de raiva e age de maneira extremamente agressiva – ela conta que ele queria “quebrar tudo” – e a insulta com frases como “você tá botando essa foto para todo mundo ficar curtindo, para mostrar sua bunda, você gosta de dar uma de piranha no *Facebook*”. As atitudes e as traições do namorado tiveram consequências severas para a saúde mental de Pérola na época, que sofria de uma baixa autoestima e se sentia muito mal, “um lixo” em suas palavras. Ao narrar a experiência, Pérola afirma que o *pole dance* fez com que ela recuperasse sua autoestima ao ponto de entender que não era dependente e não precisava sofrer pelo namorado, o que culminou na decisão de terminar o relacionamento.

Ao analisar o caso de Pérola em comparação com o de Renata, podemos perceber uma conexão que é feita entre autoestima e relacionamentos, mais especificamente sobre traição. Pérola atribui a baixa autoestima ao relacionamento. Após ser traída e sofrer agressões, ela sente uma queda em sua confiança, não se sentindo bem consigo. Apesar das diferenças dos dois relacionamentos, é interessante perceber as leituras que cada uma tem do fato e como isso se articula com o *pole dance*. Em ambos os casos, elas internalizam o que aconteceu e identificam como algo que precisa ser cuidado/tratado. Embora cada uma lide com a situação de forma diferente, tendo os próprios relacionamentos finais opostos, ambas incorporam essa experiência dentro de sua prática como *pole dancer* e instrutora. A traição e/ou a experiência do relacionamento abusivo passam a fazer parte da construção e narrativa de si, de forma que, quando Renata conta sua história com o *pole dance*, isso seja algo a que ela se refira – entre os outros pontos mencionados – para falar de

superação. De forma semelhante, Pérola inclui discursivamente o ocorrido para fazer a passagem da baixa autoestima para a confiança/empoderamento e, ao dar aulas, busca empoderar as alunas e ajudá-las a se sentirem bem consigo mesmas.

Além dos relatos de términos de relacionamentos abusivos, ouvi sobre casos de mudanças de profissão, de rotina e de curso. Acredito que o *pole dance* aqui não seja um causador e sim um mediador, uma espécie de laboratório de experimentações que, com a junção de técnicas específicas, vivências grupais, criação de laços e trocas de experiência, atue como impulsionador de mudanças e como uma forma de trabalhar aspectos pessoais.

Ao mostrar como as interlocutoras apresentadas encontraram o *pole dance* em momentos de crise e dificuldade em suas vidas, sugeri que a construção desse espaço como feminino também estava ligado à ideia de um espaço de cuidado. Quero retomar essa ideia para avançar na discussão. Mostrei como a noção de terapia vem se construindo, a partir de intervenções das instrutoras, esteticamente por meio das fotos que fazem com que a pessoa se veja, corporalmente através das ideias de superação e bem-estar que é promovido na prática e na elaboração de feminilidades. Acrescento a esses elementos a construção do *studio* como um espaço de interação, de não julgamentos e de liberdade para as mulheres. Thalia e Renata são enfáticas nesse sentido. É muito importante para minhas interlocutoras as relações de amizade que constroem umas com as outras, e ter encontros e eventos onde podem conversar, se libertar e se divertir. Esses momentos de interação e conversa podem ser as aulas ou as festas, segundo Thalia. O termo “sororidade” aparece algumas vezes para descrever a ideia de não-competitividade e apoio mútuo na relação entre as *pole dancers*. Nas palavras de Renata:

Então, eu acho que é basicamente, eles chamam isso de sororidade. Que é essa parte de alguém chegar com uma baixa autoestima, e quando ela entra aqui ela acaba vendo uma união que não existe em outros lugares. Então, nenhum outro lugar que eu tenha praticado alguma coisa, eu vejo tanto quanto no pole. A mulher ela entra aqui, ninguém tá preocupado se ela tem celulite, ninguém tá preocupado se ela é bonita ou feia, ninguém tá preocupado se ela sabe fazer mais do que você, então, normalmente a gente acaba muito que acolhendo todo mundo. E acaba muito que se ajudando, pelo menos aqui no

meu studio tem muito essa cultura, as meninas umas ajudam as outras eu ensino o esporte para elas fazerem nas outras alunas, então eu sempre falo “ó, segura assim, ajuda assim, fulano tá fazendo errado” “fulana o que ela tá fazendo errado?”. Então eu faço elas perceberem o que elas estão fazendo errado, errado assim no ponto de vista de às vezes está segurando sem estar com uma escápula encaixada, não está afastada da barra, então eu sempre deixo muito isso e muito essa questão do tipo “ah, o que você tá fazendo hoje calma, é uma progressão, já passei por isso também”. Então elas entendem muito esse passo a passo de progressão, e isso que eu acho que acaba mais criando essa intimidade, elas acabam ficando muito íntimas. E acabam criando amizades que, tipo, elas nunca seriam amigas, se tivessem em outro lugar. Você vê médica, com advogada, com estudante, são várias profissões diferentes que nunca se conheceriam, se não fosse de repente no *pole dance*. Entendeu? E eu vejo muito isso. E até o que mais me instiga, que eu vejo assim, caramba, como é que isso acontece. E você vê a transformação da pessoa, tipo quando entra, um mês depois a pessoa já tem outra autoconfiança, a pessoa já anda na rua tipo “eu sou *pole dancer*, eu sou foda”. “Porra, eu consigo fazer isso, você acha que homem vai mandar em mim? Eu fico de cabeça para baixo, eu aguento dor”. Porque você tem que tolerar dor, você tem que tolerar, tem que saber esperar o momento certo, tem que aguentar frustração, porque o *pole* é frustração, o *pole* é limitador, e é motivador, porque toda vez que você entra, que você tenta fazer um movimento que você não consegue, e que daqui há dois, três meses, você tá fazendo aquele movimento, cara é muito bom. Você vê a sua evolução. Eu acho que é isso que faz a pessoa não parar porque não é algo que é monótono, repetitivo. É repetitivo, mas não necessariamente. Então eu não preciso fazer sempre o mesmo movimento, eu posso fazer esse movimento junto a uma sequência coreográfica, eu posso fazer esse movimento com outro combo e tal, então vai criando várias possibilidades, e isso faz com que não seja algo tão mimético, quanto uma academia. Você vai ali, puxa o mesmo peso, faz aquela mesma série, tá todo mundo ali se cultuando, olhando no espelho, vendo quem é mais foda e desfile de moda. Então aqui não tem isso, porque a gente fica pelada. Então, não tem muito desfile de moda né. Eu acho que isso acaba gerando mais uma união entre as pessoas do que outro esporte.

A união proporcionada pelo ambiente do *studio* entre as *pole dancers* é vista por Renata como algo que difere a atividade de outras como academia. Enfrentar frustrações, encarar seus limites e ultrapassá-los é novamente valorizado. Percebe-se como as habilidades adquiridas na prática são entendidas como capazes de promover o empoderamento, que faz com que a *pole dancer* não “deixe homem nenhum mandar nela”. Desta forma, as mudanças buscadas através da prática para si, como autoestima e autoconfiança, são entendidas como geradoras de mudanças em formas de se relacionar com os outros. Para além das transformações em relacionamentos

afetivos, ouvi relatos de pessoas que passaram a se posicionar com pais e mães que impediam a sua independência.

Para fechar essa discussão, sugiro olhar novamente para a técnica do esporte. A instrutora não busca fazer o trabalho pela aluna e sim auxiliá-la para que ela consiga fazer sozinha. Além disso, ela faz com que a aluna se sinta segura e apoiada por ela e pelo grupo, criando uma atmosfera segura e livre de julgamentos para que ela tenha coragem de fazer aquilo que almeja (o movimento). Uma vez feito o movimento, a aluna passa a se enxergar capaz e percebe seu potencial. Através dos espelhos, das fotos e dos vídeos, consegue se enxergar e se sentir bem consigo. Seja pela admiração estética ao sentir-se linda, plena e/ou feminina, seja através da admiração das habilidades, isto é, pela sensação de superação da dor e das dificuldades. Ela não é capaz de fazer o movimento “do nada” e sim pelo seu esforço e dedicação. Por ter confiado em si mesma, por ter arriscado e por não ter desistido. Encarado sob essa perspectiva, o trabalho da instrutora não é tão diferente do de um terapeuta das áreas

psicológicas, e a lógica da prática não é tão diferente da de uma terapia tradicional. O objetivo de um psicólogo ou terapeuta nunca é fazer o trabalho completo pelo paciente, mas fazê-lo perceber e enxergar suas questões para que ele possa resolvê-las cada vez com mais autonomia. Percebe-se que o corpo se torna o lugar do visível e, também, instrumento através do qual o trabalho da prática é realizado.

Não quero com isso sugerir que o trabalho do *pole dance* é equivalente ao de uma terapia tradicional, pois sabe-se que até mesmo nas terapias corporais há um trabalho energético intencional que atua de uma forma específica. Busquei apenas investigar quais são os fatores e sentidos que sustentam a afirmação de que a prática é uma espécie de terapia. Neste sentido, cumpre observar que uma abordagem que separe o mental do físico, valorizando apenas uma dessas polaridades, seria insuficiente para tratar deste assunto. Embora em alguns momentos minhas interlocutoras pareçam separar corpo e mente, em outros eles aparecem imbricados.

Percebe-se com a prática que, ao modificar o corpo, as praticantes modificam a si mesmas. Da mesma maneira, quando Thalia fala da importância de “se ver” e “se enxergar”, fala ao mesmo tempo de ver a beleza do corpo e das características morais que são também vistas como a força, o empoderamento, a ousadia e a coragem. Retomando a discussão sobre a educação do corpo e do espírito através da atividade física à luz da teoria de Wacquant presente em *Corpo e Alma* (2002), entende-se que corpo e mente não estão separados, porque trata-se de um investimento em uma técnica de educação corporal e mental que visa uma moralidade. O resultado almejado ultrapassa essa dualidade porque é algo moral. Nesse sentido, entendo o empoderamento como uma moralidade. Disto concluo que o corpo tem um papel relevante na elaboração das feminilidades, tanto nas questões que são consideradas negativas como baixa autoestima e falta de autoconfiança quanto do empoderamento que é buscado. Ao dizer que considero sintomática a baixa autoestima das mulheres, quero situá-la como uma questão social. A quantidade de mulheres que chega ao *pole dance* com essa queixa é numerosa e expressiva e diz respeito a situações e experiências que elas são expostas ao se construírem e ocuparem o mundo como mulheres, que resultam em feridas na autoestima. Percebe-se também que muitos dos relatos que falam sobre baixa autoestima estão ligadas a relacionamentos com homens, traições e questões referentes ao peso, que indicam uma relação com padrões estéticos que são impostos.

Considerações finais

Busquei apresentar neste artigo, a ideia de que o *pole dance* enquanto prática corporal e atividade física, é passível de ser significado pelas suas praticantes como uma terapia, um espaço de autocuidado e como algo empoderador. Considero isto relevante para pensarmos, nas teorias antropológicas sobre esporte, como este pode ser algo multifacetado. Não nego, contudo, a existência e relevância de problematizações sobre uma ideia ocidental e capitalista do que pode ser liberdade e autonomia neste contexto. Em uma análise aprofundada sobre a atividade, é fundamental que pensemos

e interseccionemos outras questões como classe e raça. Se aqui optei por ressaltar aspectos positivos da atividade, é justamente para evitar de partirmos de um ponto de partida já estabelecido do que é esporte e de quais são suas características negativas. Vale ressaltar ainda, que é justamente por o *pole dance* ser uma atividade que ainda sofre muito preconceito, por ter surgido em meio a clubes de *striptease*, e por ainda não ocupar totalmente um lugar do que é legitimado e aceito como esporte, que a prática possui um alto potencial disruptivo com o que se entende por esporte.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. Introdução.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (org.). **Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2003.

GONÇALVES, Annelise. **Viva o Matriarcado Pole Dance: uma etnografia sobre corpo, gênero e cidade**. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

GONÇALVES, Annelise. **Empoderamento e Feminilidades: Carreira, corpo e gênero numa análise etnográfica da prática pole dancer**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. 164f.

HUNT, Lynn. **The Invention of Pornography: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800**. New York: Zone Books, 1993.

LEAL, Isis. Somos ou não somos um esporte?: uma abordagem antropológica do pole dance. **VII Jornada de alunos do PPGA/UFF**, 2013, Niterói. Anais da VII Jornada de alunos do PPGA/UFF, 2013.

LEAL, Isis. **Identidades de gênero, corporalidade e esportivização: uma perspectiva antropológica da prática do pole dance**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016. 108f.

WACQUANT. Loic. **Corpo e alma**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

VANCE, Carole. **Pleasure and Danger. Exploring Female Sexuality**. Nova York: Routledge, 1984.

VAZ, Alexandre. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade**, Ano 3 - Número 7 - Nov.2007/Fev.2008

Sites consultados:

<http://artecult.com/pole-dance-com-karen-cruz/>

<https://www.polestudiotatianamendes.com.br/aulas>

<http://poledancemania.blogspot.com/2015/01/historia-do-pole-dance-e-suas-vertentes.html>

<http://artecult.com/pole-dance-com-karen-cruz/>

<https://www.polestudiotatianamendes.com.br/aulas>

<http://poledancemania.blogspot.com/2015/01/historia-do-pole-dance-e-suas-vertentes.html>

<https://www.freepressjournal.in/featured-blog/mallakhamb-amazing-facts-about-the-age-old-sport/1083234>